

OS TRABALHADORES E A HISTÓRIA DO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU (1970-2000)

Aparecida Darc de Souza ¹

Resumo: Este artigo analisa como os trabalhadores narram, a partir de seus modos de viver, morar e trabalhar, o processo histórico que marcou o crescimento urbano e a ampliação do turismo, na cidade de Foz do Iguaçu. Dentro desta perspectiva, as questões enfrentadas, centraram-se, também, no esforço de problematizar a memória hegemônica que naturalizou aquele processo a partir do discurso sobre a vocação turística da cidade. O intenso e acelerado crescimento urbano vivido pela cidade de Foz do Iguaçu (PR), a partir da década de 1970, foi marcado pela elaboração de uma memória cujo conteúdo moldasse uma visão histórica de Foz do Iguaçu como uma cidade que, desde sua fundação, estava destinada a ser um centro de atração turística. Neste sentido, este artigo discute a construção da memória dominante contrastando-a com as narrativas de vida de diversos trabalhadores em Foz do Iguaçu. Este procedimento metodológico permitiu questionar a memória dominante e seu principal argumento - a vocação turística da cidade -, abrindo possibilidades de discussão de outras memórias sobre a cidade.

Palavras-chave: Foz do Iguaçu, trabalhadores, memória, turismo.

Abstract: This article intends to examine how workers tell, from their ways of life, live and work, the historical process that marked the urban growth and expansion of tourism in Iguassu Falls. In this perspective, I have tried approaching the question of hegemonic memory was naturalized from discourse on the tourist town. The intense and rapid urban growth in Iguassu Falls, from the 1970s, was marked by the development of a memory whose contents molded a historical view about Iguassu Falls as a tourist city since its foundation. Thus, I intent to discuss several workers' memories and show others histories about Iguassu Falls.

Keywords: Iguassu Falls, workers, memory, tourism.

Este artigo pretende analisar como os trabalhadores narram, a partir de seus modos de viver, morar e trabalhar, o processo histórico que marcou o crescimento urbano e a ampliação do turismo, na cidade de Foz do Iguaçu – Paraná, localizada na fronteira com o Paraguai e com a Argentina, a partir dos anos de 1970. Nesta década começaram os trabalhos de aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do rio Paraná. Sob o controle de uma ditadura militar o governo brasileiro dava seqüência ao processo de transformação do país em uma economia industrial sob a égide do capital internacional. O Estado se ocupava, portanto, em conferir a infraestrutura necessária para a ampliação da atividade industrial, através de muitas iniciativas, entre elas destacou-se o fornecimento de energia elétrica. Assim, em 1973, foi assinado o Tratado de Itaipu entre os governos autoritários do Brasil e do Paraguai. O ambicioso projeto do governo brasileiro de construir uma grande usina hidrelétrica, na região, foi desenvolvido, em Foz do Iguaçu e adjacências, e implicou, desde

¹ Doutora em História Econômica pela USP. É professora de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e associada ao Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Atualmente coordena o Observatório do Mundo Contemporâneo.

seu início, a alteração da estrutura urbana e da dinâmica social e econômica característica da cidade.

Imagem 1



Dentro desta perspectiva, as questões enfrentadas, centraram-se, também, no esforço de problematizar a memória hegemônica² que naturalizou aquele processo a partir do discurso sobre a vocação turística da cidade.

Visitas turísticas à Foz do Iguaçu não eram propriamente uma novidade, na década de 1970. Ao contrário, já existia e baseava-se, fundamentalmente, na visita às Cataratas do Rio Iguaçu. O que havia de novo era a elaboração de uma proposição que identificava, nessa atividade, o núcleo para onde deveriam convergir todos os investimentos públicos municipais e, principalmente, federais. Desde então, o turismo passou a ser definido como a principal atividade econômica local. Desse modo, a construção de uma memória de Foz do Iguaçu como cidade turística foi uma estratégia importante de legitimação dos interesses dos defensores dessa proposição: o domínio sobre o passado, ou melhor, sobre seu significado no presente.

Os esforços dos grupos dominantes locais dirigiram-se à produção de uma memória cujo conteúdo fosse capaz de moldar uma visão histórica de Foz do Iguaçu como uma cidade que, desde sua fundação, estaria destinada a ser um centro de atração turística. A constituição dessa visão, como hegemônica, legitimaria os projetos e interesses econômicos

² Parti do pressuposto de que essa memória elaborada pelas classes dominantes atuou como *memória coletiva*, nos termos apresentados por Michel Pollak, como uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” constituindo um quadro comum de referências no âmbito de diferentes coletividades: “partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc.” (POLLAK, 1989, p.9). A memória coletiva é, mais precisamente, para Pollak, um exercício de hegemonia que se traduz como “trabalho de enquadramento da memória”. Este trabalho de enquadramento da memória constitui um processo homogenizador, uniformizador das diferenças, excluídas e silenciadas por não corroborarem os elementos de identificação de uma determinada coletividade ou grupo. Sendo assim, o presente estudo adotou a perspectiva que considera a noção de memória coletiva como memória dominante, como memória oficial. Isso não implicou somente a oposição clássica, expressa pela dominação produzida entre as classes sociais, entre o Estado e a sociedade civil, entre o capital e o trabalho. Implicou, num sentido mais amplo, discutir a memória dominante como a memória vencedora, como a memória hegemônica que se consolida no tempo, social e culturalmente, como a memória de todos.

de tais grupos. Tratava-se, portanto, de uma tentativa de articulação da história desses grupos com a história da própria cidade. O curso da história da cidade, nessa literatura³, apareceu determinado pela “condição natural” que a define como local privilegiado para a formação de um polo de turismo nacional e internacional.

Organizando o tempo e moldando o passado, a história presente nas obras dos memorialistas constitui-se em “[...] instrumentos por meio dos quais as classes dirigentes mantêm seu poder” (CHESNEAUX, 1995, p.29), à medida que justifica e legitima o discurso e as práticas dos setores dominantes locais, que priorizam os investimentos públicos nas atividades turísticas e promovem as condições para ampliação das diferentes formas de reprodução e ampliação do capital.

Diante disso, procurei trazer para o debate questões sobre como os trabalhadores, por meio de suas narrativas, reconhecem ou não o turismo como uma vocação da cidade de Foz do Iguaçu.

Esses trabalhadores, quando foram indagados sobre as visões da cidade elaboradas pela memória dominante, reproduziram, ainda que de maneira contraditória, o estereótipo do local como pólo turístico. Entretanto, quando falaram sobre suas trajetórias de vida e de trabalho, na cidade, revelaram outras dimensões de Foz do Iguaçu.

Nas lembranças dos entrevistados⁴, o turismo apareceu como uma atividade recente, impulsionada por um conjunto de fatores externos, que muito pouco se articulam com a idéia de vocação desenvolvida pela memória dominante. Sob o olhar dos trabalhadores, o turismo só se tornou uma atividade econômica relevante para o desenvolvimento da cidade a partir de 1970. O senhor Jofre, 89 anos, agricultor, vê Foz como uma cidade turística. Porém, o turismo, para ele, é algo recente.

Porque Foz era muito ruinzinha, aqui, nesse tempo que eu vim pra cá [1970], comecei a vida... era tudo em mato. Tinha só o centro ali da avenida Brasil, nem JK [bairro] não existia, que ali o Maracanã [bairro]. Agora, hoje, que cresceu muito, né?⁵

O senhor Jofre, 89 anos, apesar de não contar com uma memória precisa sobre as datas, informa um desenho da cidade onde o turismo era “fraco”, e os hotéis e os turistas ganharam forma bem mais tarde:

[...] Mas agora tem mais [turista], viu? É que aumentou depois da Itaipu [1970], que antes da Itaipu era fraco. Até a estrada pra ir lá nas cataratas não era muito boa. Agora tá, mudou tudo, né? E tem a... é a terra da capital do turismo, que tem a maior hidrelétrica do mundo. E eu conheço a segunda. [...] Acredito que o que dá vida aqui pra Foz é os turista, viu? Que tem dia de

³ O livro de memórias de Otília Schimmelpfeng, “**Retrospectos Iguaçusens: narrativas históricas de Foz do Iguaçu.**”, uma republicação, produzida em 1991, de textos escritos pela autora, para o *Jornal da Foz*, em 1970, e para a revista *Painel*, a partir de 1975.

A revista **Painel**, um periódico local, criado em 1973, e que segue sendo publicado até a presente data. Esta revista produz e divulga uma memória sobre Foz do Iguaçu, definida como cidade vocacionada para o turismo. A revista **Memória de Foz do Iguaçu**, dirigida por Saulo Martins Brasil, publicada pela Editora Memória Ltda. Na Biblioteca Pública de Foz do Iguaçu, foram encontrados apenas três números: os dois primeiros, referentes ao ano de 1982, e o terceiro, ao ano de 1983. O encarte em forma de jornal, **Foz 80 anos: Memória**, publicado, em 1994, pelo governo municipal. O livro **Foz do Iguaçu: Retratos**, publicado, em 1997, pelo governo municipal.

⁴ Os nomes de todos os trabalhadores entrevistados citados neste artigo foram substituídos por pseudônimos.

⁵ Entrevista realizada com Jofre em 22 de março de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu. Todas as entrevistas citadas neste artigo foram realizadas pela autora.

ir lá, nas Cataratas, de dar dez, doze mil pessoas, sabe disso, né? Esse hotel daqui é tudo superlotado, que eles tem dinheiro.

Ele reconhece, no dia-a-dia urbano, a presença de muitas pessoas que visitam a cidade, principalmente, pessoas de diversas nacionalidades. Mas adiciona: o turismo se liga à Itaipu Binacional.

[...] porque, aqui, vem gente de toda parte do Brasil... é... do mundo. Vem do Japão, vem de toda parte do Brasil, né? Vem aqui e deixa muito... Esses hotel aí, quem sustenta é os turista, que os daqui mesmo, né? É só os que vem de fora. E tem também outra, que a Itaipu é binacional, é a maior hidrelétrica do mundo e a segunda é Tucuruí, lá onde que eu morei, no Pará, perto de Marabá. Então, a vida é essa. Só que o Pará mesmo teve... tem... teve mesmo... eu saí de lá; eu saí perdendo muito, porque não tinha hidrelétrica. Depois que construiu a Tucuruí, a Transamazônica é toda iluminada, que lá era os... não era luz elétrica, era com motor, movido a óleo, né? Dava muita despesa. Agora... tá uma beleza de se viver, tá uma propriedade que eu tinha lá... tá tudo iluminada agora.

O senhor Jofre afirma que o turismo injeta muito dinheiro na economia local, principalmente na rede hoteleira da cidade. Projeta Foz como uma cidade relevante, por sediar Itaipu, mas saca este argumento para comparar e explicar sua própria falta de sorte, noutro lugar que viveu: o Pará. Reclama que trabalhou, nas suas próprias terras, mas que não deu certo. Se lá tivesse uma hidrelétrica, talvez não tivesse que se desfazer de sua propriedade.

Isto se fixou em seu pensamento. Se as despesas com o óleo que movimentava o motor não fossem tão caras, seria um lugar bom de viver. Suas lembranças estão cheias de “se”. Está certo de que a construção de Tucuruí, a segunda maior hidrelétrica do Brasil (a maior 100% brasileira), mudou tudo, no Pará. É esta certeza que o leva a valorizar a cidade de Foz. Quando fala do turismo, associando-o à grandeza de Itaipu, é também de Tucuruí, no seu passado vivido no Pará, de que está falando.

Para o senhor Leotério, 66 anos, agricultor, Foz era uma cidade “pacata”, de pouco movimento. O turismo existente era praticado apenas por pessoas que lá moravam.

Era pacata porque era pouco o movimento. O movimento sempre aqui foi mais turístico, mas não com o turismo praticamente vindo de fora – era, praticamente, de Foz mesmo, porque as cataratas é uma coisa muito bonita, né? Era e é, até hoje. Então, nós temos, aqui, o marco das três fronteiras, que também é uma visão muito linda, e então sempre foi meio turística. Agora, depois que abriram a usina de Itaipu, construíram a Ponte da Amizade e depois a Ponte da Fraternidade. Aí sim, aí, Foz cresceu, simultaneamente; foi desenvolvimento pros quatro cantos. Aí, aumentou.⁶

Assim como ocorreu com o senhor Jofre., a memória do senhor Leotério é imprecisa, na datação de fatos que julga relevantes para a história da cidade. De maneira mais sintética, ele separa o tempo apenas em passado e presente.

Quando me concedeu esta entrevista, estávamos conversando sobre a mudança da cidade, uma vez que ele insistia em dizer que Foz era uma cidade pacata. Apesar de

⁶ Entrevista realizada com Leotério em 12 de janeiro de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu.

reconhecê-la como cidade turística, salientando as Cataratas e o Marco das Três Fronteiras⁷, o ponto de inflexão, na história da cidade, foi marcado por três eventos acontecidos a partir da década de 1960: a construção de Itaipu Binacional, da Ponte Internacional da Amizade⁸ e da Ponte da Fraternidade⁹. Desse modo, a cidade não apareceu como predestinada ao turismo, destoando, portanto, da leitura das classes dominantes. Estas obras estavam relacionadas a outros projetos econômicos que não estavam dirigidos, necessariamente, a ampliação da atividade turística, ainda que tenham sido por ela aproveitados posteriormente.

Ao contrário disso, apesar de o senhor Leotério reconhecer que o turismo é a atividade mais importante de Foz do Iguaçu, ele indicou outras referências, que evidenciaram a jovialidade da cidade. Aos três eventos já selecionados, Leotério acrescentou o “Parque das Aves”¹⁰, o “Refúgio Biológico”¹¹ e a “Iluminação Panorâmica”¹² de Itaipu, todos estes criados a partir da década de 1980. Juntos, eles dividem espaço com as Cataratas e problematizam a vocação turística da cidade. De outro modo, a visão do senhor Leotério inseriu a forte presença de Itaipu na constituição de atrações turísticas artificiais para Foz. Foram as obras estatais que marcaram o desenvolvimento do turismo e da cidade. Mesmo quando se trata, diretamente, de elementos articulados e destinados ao turismo, é o peso do Estado que aparece, como matriz da “vocação” turística.

Movimento de interpretação semelhante ao do senhor Leotério foi apresentado na entrevista com o senhor Golveia, 83 anos, canteiro¹³ e eletricista.

O volume de turista começou a aumentar, começou a aumentar mesmo, realmente, em [19]58 pra [19]59, porque aí, os aviões que começaram a vir pra cá eram maiores, já tinha a pista de asfalto, já era lá onde é hoje o aeroporto, já era lá. O prédio era menor; só que eles fizeram uma ampliação no prédio, mas já começou a descer, quando o Brasil começou [...] começou a operar o DART, o Agro e o Electra II, que é aqueles que, depois, fazia a linha, a ponte aérea São Paulo – Rio de Janeiro, era o Electra II, que fazia. Você deve se lembrar de uns aviões de 4 motor?¹⁴

⁷ O **Marco das Três Fronteiras** é um ponto turístico localizado nas cidades de Foz do Iguaçu, *Puerto Iguazú* e *Ciudad Del Este*, referente ao local de divisa territorial, respectivamente, entre o Brasil e a Argentina e o Paraguai. O marco brasileiro, localizado no Porto Meira, foi inaugurado em em 1903. O marco argentino situa-se à margem do rio Iguaçu e o marco paraguaio fica à margem direita do rio Paraná.

⁸ A **Ponte Internacional da Amizade** ou, simplesmente, **Ponte da Amizade**, foi construída durante as décadas de 1950 e 1960. Liga a cidade de Foz do Iguaçu, no Brasil, e *Ciudad Del Este*, no Paraguai, passando sobre o rio Paraná. Apesar de ter sido inaugurada duas vezes (em 1961, por Juscelino Kubitschek, e, em 1965, por Castelo Branco), esta ponte começou a funcionar, efetivamente, em 1965.

⁹ A **Ponte Internacional da Fraternidade**, inaugurada em 1985, é a ponte que liga Foz do Iguaçu, no Brasil, a *Puerto Iguazu*, na Argentina. Seu nome oficial é **Ponte Tancredo Neves**. As cidades de *Puerto Iguazu*, na Argentina, e *Ciudad Del Este*, no Paraguai, em conjunto com Foz do Iguaçu formam a Tríplíce Fronteira.

¹⁰ O **Parque das Aves** foi criado em 1994. Possui imensos viveiros, com, aproximadamente, 900 aves, de 150 espécies. Predominam aves brasileiras; porém, há espécies da Austrália, da África e da Ásia representadas. Possui, também, um **Borboletário** com, aproximadamente, 25 espécies, e o **Setor de Répteis**.

¹¹ O **Refúgio Biológico Bela Vista** foi criado pela Itaipu, em 1982, e é uma área de preservação permanente. Em 2002, foi aberto a visitação pública.

¹² A **Iluminação Panorâmica**, ou “**Iluminação Monumental de Itaipu**”, foi criada, em 2002, pela Itaipu, e pode ser visitada à noite. Com o show de luzes, o visitante pode verificar cada detalhe da obra de concreto, principalmente, o formato de catedrais da barragem.

¹³ **Canteiro** é o trabalhador que assenta pedras. Seu ofício é a *cantaria*, que significa talhar e assentar a pedra de forma a constituir sólidos geométricos, geralmente, paralelepípedos, para utilização na construção de edifícios ou de muros.

¹⁴ Entrevista realizada com senhor Golveia, em 23 de março de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu.

Para o senhor Golveia, o turismo só começou a se viabilizar quando Foz pode receber vôos comerciais, a partir da reforma do aeroporto, com o asfaltamento da pista de pouso e decolagem. De fato, tal reforma aconteceu, mas foi em 1967¹⁵. De qualquer modo, o que merece ser salientado diz respeito à associação das atividades turísticas, na cidade, com a construção do aeroporto. Assim, na visão do senhor Golveia, os turistas se tornaram significativos para Foz, apenas no final da década de 1960, após a conclusão dessas obras.

Na sua avaliação, o turismo só se tornou viável a partir da ação direta do Estado, por meio da construção de vias de acesso à cidade¹⁶. Sobre isso, recorda-se da estrada que liga Foz a Curitiba, asfaltada em 1958, embora sua memória tenha subtraído 10 anos deste fato, já que a pavimentação desse trecho aconteceu, em 1968:

[...] em 58, já ligou Foz do Iguaçu até Curitiba, já ligação de asfalto que, antes, também, era estrada de terra, até Ponta Grossa. Ponta Grossa – Curitiba tinha asfalto, mais até Ponta Grossa era terra, 700 km de terra... quando chovia, era 3 dias de viagem.

De qualquer maneira, cabe ressaltar que sua leitura difere da memória oficial, à medida que ele desnaturaliza a “vocação” turística da cidade. Se houve um ponto inicial para o turismo, de acordo com o senhor Golveia, certamente, foi o final da década de 1960, quando o Estado criou a infra-estrutura necessária para o transporte de turistas até a região de Foz do Iguaçu.

Este marco que identifica o desenvolvimento do turismo a partir da década de 1970 pode ser observado, também, a partir de dados estatísticos, embora eu não tenha encontrado uma série organizada de estatísticas e números sobre o a dinâmica de funcionamento do turismo. Não obstante essa dificuldade, a partir do cruzamento de alguns dados parciais sobre a atividade turística em Foz do Iguaçu, foi possível perceber, neste sentido, como a década de 1970 marca o início da ampliação dos equipamentos turísticos, isto é, hotéis, agências de turismo e serviços de táxi.

Segundo o levantamento feito pela Comissão de Desenvolvimento Municipal (CODEM)¹⁷, em 1968, havia 18 hotéis e oito agências locais de turismo e câmbio, na cidade. Associando esse número às estatísticas feitas pela Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (SMTU), sobre a quantidade de alvarás de abertura de meios de hospedagem¹⁸, liberados entre 1959 e 2005, e de agências de turismo existentes, entre 1967 e 2005, foi possível estabelecer um parâmetro para analisar a dinâmica de crescimento deste setor, em Foz do Iguaçu, entre 1960-1990.

¹⁵ Em 1941, foi inaugurado o **Aeroporto do Parque Nacional do Iguassu**, que ficou sob administração do Ministério da Agricultura, passando para a administração do Ministério da Aeronáutica, em 1949. No ano de 1967, foi inaugurada a pista do atual aeroporto, para aeronaves leves, e, em setembro do mesmo ano, aconteceu o primeiro pouso de uma aeronave comercial, um Dart Herald, da SADIA.

¹⁶ **Foz do Iguaçu** está localizada a 637 quilômetros de Curitiba, a 1.566 quilômetros de Brasília (DF), a 1.047 quilômetros de São Paulo e a 1.472 quilômetros do Rio de Janeiro.

¹⁷ CODEM (Comissão de Desenvolvimento Municipal) é um órgão de apoio aos municípios, formado a partir do convênio entre a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná (Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A) e o Departamento de Assistência Técnica aos Municípios.

¹⁸ Nesse documento, divulgado pela Secretaria Municipal de Turismo, os meios de hospedagem considerados são os seguintes tipos de estabelecimentos: hotel, apart-hotel, motel, hospedaria, pousada, dormitório, albergue e camping.

Partindo do intervalo 1959-2005, período que encerra os dados fornecidos pela CODEM e SMTU, foi possível perceber como a década de 1980 marcou um período de explosão, no crescimento do setor hoteleiro.

Entre 1959-1968, foram liberados três alvarás. Este número evoluiu para 11, no período de 1969-1978. Portanto, houve um crescimento de 267%. No período seguinte, 1979-1989, a taxa de crescimento foi de 873%, e o número de liberações de alvarás subiu de 11 para 107. Esse percentual de crescimento do setor de hotelaria, vivido na década de 1980, foi significativamente maior, não só em relação à série anterior como, também, à série posterior. Nos dez anos seguintes (1989-1998), a taxa de crescimento dos alvarás desceu para 94%. Somando as liberações de alvarás dos períodos 1969-1978, 1979-1988, 1989-1990 aos 18 hotéis existentes, em 1968, constatou-se, mais uma vez, a importância da década de 1980 para o desenvolvimento da economia turística, no município, pois, nela, foi registrado o maior crescimento real de meios de hospedagem.

Além dos meios de hospedagem, o significativo crescimento dos alvarás de abertura de agências de turismo, em Foz do Iguaçu, pode ser considerado, também, um indicador do crescimento dos empreendimentos turísticos, na cidade, na década de 1980. Partindo dos números apresentados pela SMTU, observou-se, entre os anos de 1979 e 1988, um aumento de 825% dos alvarás de abertura de agências de turismo, em relação ao período de 1969-1978. Em termos reais, as oito agências existentes, no ano de 1968, duplicaram, ao final de 1978, e cresceram cerca de 400%, ao longo da década de 1980, quando já somavam 90 agências, no total.

Resta claro que o crescimento do turismo teve seu tempo, a partir da década de 1970, e não antes dela. Os trabalhadores entrevistados reconhecem a sua importância, mas fazem-no desmontando a idéia de que a cidade nasceu vocacionada para ele, já que todas as referências decalcadas no turismo são recordadas e fixadas, dos anos finais da década de 1960 em diante.

Retomo essa discussão a partir da entrevista com a senhora Genoveva. Sua narrativa indica três pontos importantes para o surgimento e o desenvolvimento do turismo: a divulgação das Cataratas como destino turístico, a construção da Ponte da Amizade e a construção de Itaipu. Este último elemento foi responsável, na sua visão, por atrair milhares de novos trabalhadores que se fixaram, na cidade, por muitos anos. A Ponte da Amizade foi responsável por estabelecer um fluxo comercial (mesmo que ilegal, em parte) com *Ciudad Del Este*, no Paraguai. Estes são eventos do final de meados da década de 1970 e final da década de 1960, respectivamente. Contudo, é falando sobre as Cataratas que dona Genoveva reafirma como a “vocaçãõ” turística é artificial.

E... mas tem famílias que moram aqui, em Foz do Iguaçu, anos, e que nunca foram conhecer [as cataratas], sabe? Então, muita gente não dava... gente da época não dava muito valor a isso, achava que isso era um... ‘Ah, água caindo, o que tem a vê?’ Mas nunca foram ver a maravilha que é. Então, depois que... é, mais pessoas começaram a conhecer, viram o espetáculo que é aquilo ali, aí começou. [...]. Eu sempre digo... muita gente já vinha, porque via pessoas que vinham morar pra cá, se comunicavam, através de cartas, com as famílias e diziam; porque, antigamente, era só carta, não tinha outro jeito de se comunicar, né? E depois, quando começou os rádios amador, pelo

batalhão, o exército – né? –; vinham, às vezes, militares de fora. Então, aí que começou, assim, a divulgar.¹⁹

Mais uma vez, a presença do Estado é destacada como protagonista, na estruturação do turismo. A divulgação das Cataratas começou, de acordo com dona Genoveva, por meio do Exército. Para ela, as cataratas não eram algo significativo para os moradores de Foz, antes da visita sistemática de turistas. Portanto, a beleza “natural” das cataratas não era um fato. “Água caindo, o que tem a vê?”. Talvez, esta percepção esteja mais próxima da realidade, embora as quedas d’água, do lado argentino, tenham sido “vistas” como beleza, desde o final do século XIX. Sobre isso, vale a reflexão de Raymond Williams (1990) acerca do surgimento das “paisagens”, ou seja, algo que foi realçado, a que se deu destaque, com o objetivo de ser observado e contemplado. Falando sobre o contexto dos cercamentos ingleses dos séculos XVII e XVIII, para ele, tornar a natureza observável representaria recolocá-la dentro de um ponto de vista específico cujo objetivo seria adaptá-la ao interesse do capital:

O traçado geométrico dos cercamentos, com suas sebes e estradas retilíneas, é contemporâneo das curvas e irregularidades das paisagens dos parques. E, no entanto, são partes inter-relacionadas de um mesmo processo que se opõem superficialmente em termos de gosto, mas apenas porque, num dos casos, a terra está sendo organizada para a produção, para ser trabalhada por arrendatários e trabalhadores; enquanto no outro está sendo organizada para o consumo: a vista, o descanso organizado do proletário, a paisagem. (WILLIAMS, 1990, p.167).

O turismo relacionado à Foz do Iguaçu tem essas características. Quem visita esta cidade pretende se encontrar com as Cataratas. Tais pessoas formam um tipo, cuja principal característica é a de “consumir” a Natureza, de “devorar” a paisagem. (BOYER, 2003, p.55). São “turistas de massa”, que só se constituíram, recentemente, nos anos finais da década de 1960, quando a ecologia começou a se tornar uma questão importante na vida das pessoas.

Este aspecto de exterioridade do turismo também foi abordado pelos trabalhadores. Em suas lembranças, a cidade turística realizava-se como um espaço organizado para atender as necessidades dos seus visitantes e não necessariamente dos seus moradores. O período caracterizado pelo crescimento da cidade e da atividade turística foi lembrado como uma época marcada, também, por muitas dificuldades e sacrifícios. Em função da grande especulação imobiliária, a moradia só era possível, para a maioria dos trabalhadores, em loteamentos periféricos e nas favelas. Durante anos, tiveram eles que lutar para transformar o ambiente precário desses loteamentos, abertos sem a instalação de qualquer infra-estrutura – água, luz, esgoto, asfalto, escolas e posto médico. Outros dilemas desse processo que levaram à formação de Foz do Iguaçu como pólo turístico também foram expressos, nos relatos dos trabalhadores. Suas narrativas sobre as experiências de trabalho, nos setores ligados diretamente ao turismo, não deixaram de frisar o sentimento de indignação, diante das condições de trabalho.

Tal cidade é bastante diferente daquela vivida pelos trabalhadores entrevistados, particularmente, para aqueles que moram nos bairros, formados a

¹⁹ Entrevista realizada com senhora Genoveva em 26 de março de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu;

partir do final da década de 1970, nas regiões do Rincão São Francisco²⁰, Três Lagoas²¹ e Porto Meira²². Na lembrança desses trabalhadores, a vida era muito difícil para aqueles que moravam nos bairros. Ao descrever como era a situação do Jardim Bandeirante, bairro localizado na região de Três Lagoas, a senhora Palmira sintetizou bem a precariedade característica dos bairros populares da cidade: Não tem coisas boas, banco, caixa, essas coisa, não tinha... O que nós sofria! Não tinha posto de saúde... não tinha. Até que abriu um, ali, que era madeira; agora, já tá bem melhor. Mas naquela época, que nós chegô aqui, não foi nada fácil.²³

A falta de infraestrutura apareceu como um registro forte da memória destes trabalhadores, sobre sua história na cidade. A senhora Madalena lembra que, quando chegou no bairro Morumbi, “*não tinha luz nem água, [...] nós tivemos que fazer poço*”. Moradora antiga do Jardim Bandeirante, a senhora Palmira lembra, também, que os serviços básicos de fornecimento de água e luz só foram realizados anos depois da formação do bairro:

A luz não demorô muito; demorô, acho, que uns três, quatro ano, ainda [risos], que a gente tinha lampião, né? A água também. Aí, foi chegando devagazinho, né? Mais ainda levou... a gente tinha poço. Ah! Levô ainda uns seis ano pra vim água, depois daquele tempo; daí, chegô tudo.

A falta de transporte, também, foi muito lembrada pelos trabalhadores. A senhora Mirna, moradora do bairro Jardim Oriente, localizado na região Porto Meira, lembra das dificuldades que tinha de enfrentar, para ir até o centro da cidade, para fazer as compras do mês: “Porque era tudo a pé. Tudo a pé. Tem que carregá nas costa as coisa, antigamente [...] depois que veio esses ônibus”²⁴. Ela lembra, também, que, para ir trabalhar, no Hotel San Martin, ela e suas cunhadas tinham que andar mais de três quilômetros, para tomar a condução: “Trabalhei no hotel, junto com as quatro cunhada minha [...] e minha vizinha. Nós [...] ia a pé, daqui até lá, no Boicy, pegá ônibus que vai pro lado da Catarata [...]”. A senhora Mirna começou a trabalhar, no Hotel San Martin, por volta de 1974. “Naquele tempo”, o Porto Meira não era servido nem de calçamento nem de transporte público. O senhor Joaquim²⁵, morador do bairro Jardim das Flores, também localizado na região do

²⁰ **Região 03 – São Francisco.** Localiza-se na porção leste do município. É limitado ao norte pela BR277; ao sul, pela Av. República Argentina, que o separa da Região 5 – Jardim São Paulo – e, a oeste, pelo rio Tamanduazinho, que o separa da área rural sul. Ao todo, a região é formada por 24 bairros. Nela, estão localizados o minidistrito industrial, uma subestação da Copel e algumas chácaras. Sua população é de 45.298 habitantes. Até meados da década de 1970, era uma área rural. O processo de urbanização teve início a partir da construção da usina de Itaipu. (WEBER, 2003, p.72)

²¹ **Região 01 – Três Lagoas.** Localiza-se na porção nordeste do município. É limitada, ao norte, pelo Lago de Itaipu; ao sul, pela área rural; a leste, pelo município de Santa Terezinha de Itaipu, e, a oeste, pela estação de Furnas, que a separa da Região 2 – Vila C. Ao todo, é formada por 38 bairros. Sua população é de 27.123 habitantes. Até meados da década de 1970, era uma região agrícola. O processo de urbanização teve início a partir da construção da usina de Itaipu. (WEBER, 2003, p.68)

²² **Região 04 – Porto Meira.** Localiza-se na porção sudoeste do município. É limitada, ao norte, pelo rio M’Boicy; a oeste, pelo rio Paraná; a leste, pelas avenidas das Cataratas e Mercosul, que o separa, respectivamente, da Região 5 – Jardim São Paulo e da Região 11 – Carimã; e ao sul, é limitada pelo rio Iguaçu. Ao todo, a região é formada por 32 bairros. Sua população é de 37.470 habitantes. Até meados dos anos de 1960, era uma área composta por inúmeras propriedades agrícolas. Até a construção da ponte da Fraternidade (1982), esta região abrigava a via fluvial de ligação com a Argentina, para a maioria dos moradores de Foz do Iguaçu (BR) e *Puerto Iguazu* (AR). O processo acelerado de urbanização desta área coincidiu com o início da construção da usina de Itaipu. (WEBER, 2003).

²³ Entrevista realizada com senhora Palmira em 11 de janeiro de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu

²⁴ Entrevista realizada com senhora Mirna em 27 de março de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu.

²⁵ Entrevista realizada com senhor Joaquim em 09 de Janeiro de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu.

Porto Meira, lembra das dificuldades que a população trabalhadora, na década de 1980, ainda enfrentava para ir trabalhar, pois o calçamento e o transporte público chegavam, apenas, nas avenidas principais do Porto Meira.

Era difícil. Quando chovia, era difícil [...] quem morava aqui pra baixo, quando vinha pra ponto de ônibus, arrumava essas sacolinhas do mercado, calçava no tênis, no sapato; quando chegava no ponto de ônibus, tirava aquela sacolinha pra embarcá no ônibus... tirava aquela sacolinha pra embarcá no ônibus. Se viesse daquele jeito lá, pra embarcá dentro do ônibus, o ônibus ficava uma tristeza.

Situação muito parecida era enfrentada, igualmente, pelos trabalhadores que moravam na região de Três Lagoas, que, também, sofriam, com a falta de pavimentação e transporte. Para tomar a condução e ir para o trabalho, os moradores tinham que se deslocar até a BR-277. Isso significava percorrer uma distância de um a dois quilômetros, dependendo da localização da residência em relação à rodovia. Dona Palmira diz que saía de sua casa, no Jardim Bandeirante, e ia “[...] até na BR, de a pé”. Os dias de chuva também foram lembrados como momentos de grande dificuldade: “[...] E o dia que chove? E o barro? Atolava! Muitas veiz, ponhava uma sacola de plástico nos pé, pra chegá lá [...] O dia que tinha barro era coisa mais triste do mundo... que não é pertinho, né? [...] É muito longe... era longe [...]”

Na lembrança do senhor Alberto, a falta de calçamento marcou, também, a vida dos trabalhadores que moravam no bairro Morumbi: “[...] a terra era horrível. Depois de 10 anos, depois de 11 anos, que foi chegar o calçamento, numa parte ainda, [...] porque, até há uns 4 ou 5 anos atrás, tinha rua sem calçar, ainda”²⁶. O sentimento do senhor Alberto, em relação às condições de vida, no bairro, era similar àqueles expressos pelo senhor Joaquim e a senhora Mirna. As expressões – “era muito difícil”, “era dificultoso” –, recorrentes nas narrativas, indicam como os trabalhadores lembram de tudo isso como experiências de sofrimento, na cidade. Algumas dessas experiências deixaram marcas indeléveis, que o tempo não apagou e que são revividas com angústia e medo de que voltem a se repetir. Foi assim que dona Palmira se lembrou do sufoco que significou ter que enfrentar, todos os dias, o lotação, para ir trabalhar:

Aqueles ônibus, que parece sardinha... aí, eu não guento sardinha! Pura sardinha! E era um em cima do outro, um em cima do outro. [...] Hoje em dia, quando eu sonho que eu pego esses ônibus de novo, eu quase morro do coração! Deus ô livre! Meu Deus do céu, não era fácil, não!

Esses trabalhadores recuperam, em suas lembranças, uma cidade muito diferente da imagem de cidade turística, veiculada pela memória e pelas propagandas oficiais. Sem serviço de água e luz e esgoto, sem calçamento, a que se revela, nas suas falas, era suja e precária. Desse ponto de vista, a situação narrada pelo senhor Joaquim e por dona Palmira, na qual os trabalhadores tinham que “calçar” saquinhos plásticos nos pés, para poder entrar no ônibus e ir trabalhar, sem que seus calçados estivessem encharcados de lama, é simbólica da segregação espacial vivida, em Foz do Iguaçu.

²⁶ Entrevista realizada com senhor Alberto em 12 de janeiro de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu

Os trabalhadores não ignoram que a cidade cresceu e se desenvolveu, mas não deixam de observar, também, que esse desenvolvimento não foi orientado pelo interesse de atender as necessidades da população trabalhadora que vive nos bairros de Foz. Valendo-se de sua trajetória local de trinta anos, o senhor Alberto questionou esse modelo de desenvolvimento urbano que caracteriza a cidade turística:

São 30 anos. 30 anos são uma vida. Porque é... é... eu acho que falta muito pra ser uma cidade, ainda, bem organizada, pra ser uma cidade turística. Tá crescendo, muito lentamente. Cresceu o número de população, mas, hoje, a cidade, eu acho ela mal estruturada, né? Eles capricham mais no corredor turístico, ou coisa pra turista ver, mas os bairros estão um pouco abandonados. Eu não sei, eu acho que eles acham que a prioridade hoje é o turismo [...].

No seu entendimento, uma cidade turística precisa oferecer uma boa estrutura para todos e não apenas para o turista. Morador do bairro Morumbi, o senhor Alberto fala a partir da experiência de quem vive num bairro que, desde o início de sua formação, não contava com nenhuma infraestrutura. O serviço de água tratada e encanada demorou mais de oito anos para ser oferecido, no bairro. O calçamento demorou mais de dez anos para ser realizado.

A cidade se revela, na fala do senhor Alberto, como algo mais que uma paisagem. É o lugar onde se vive, onde se mora, onde se trabalha e, neste sentido, a cidade vai muito além do corredor turístico. Os bairros onde vivem os trabalhadores, também, precisam de sinalização, de asfalto e de espaços dedicados ao lazer.

Essas narrativas desenvolvidas pelos trabalhadores permitiram identificar como o desenvolvimento urbano de Foz do Iguaçu concentrou-se nas áreas da cidade funcionais ao turismo, em detrimento dos locais de moradia dos trabalhadores. Contudo, essa segregação geográfico-social não foi a única contradição presente na relação entre estes últimos e o turismo, na cidade. Alguns relatos indicaram, ainda, que o desenvolvimento da atividade turística, em Foz do Iguaçu, foi e continua sendo vivido, pelos trabalhadores, também como exploração.

Se, por um lado, a ampliação do turismo como atividade econômica e sua conseqüente incorporação de mão de obra responderam à expectativa de emprego para muitos trabalhadores, por outro lado, traduziram-se numa experiência de segregação e exploração, na cidade. Na memória de dona Madalena, 63 anos, o turismo é lembrado como uma atividade distante do seu universo social e sobre a qual ela acredita não saber muito: “Olha, não sei, porque toda vida fui pobre; morei pra cá, não sei de nada”. Desde que chegou a Foz do Iguaçu, em 1971, morou fora do corredor turístico da cidade. Em 1979, ela e o marido conseguiram comprar um terreno e construíram uma casa, no Morumbi, voltando para a região do São Francisco.

Com segurança, ela acredita que só pode falar daquilo viu, durante os anos que trabalhou no centro da cidade: “[...] *o que eu vejo, o que eu alcanço, que eu trabalhei na cidade, muitos anos – né? –, trabalhei dentro da cidade, ali.*” Assim, partindo de sua trajetória de vida e trabalho, dona Madalena definiu o turismo como uma forma de exploração da natureza e do trabalho, na cidade de Foz do Iguaçu:

[...] criaram um monte de casa, e um monte de casa dentro das catarata, e virou o maior comércio. Até nós, se quiser entrar lá, que mora aqui, tem que pagar. Isso aí não é turismo, é exploração [...] Pra falar a verdade, turismo, eu não conheço nada; só vejo a exploração do turismo [...]

Morando na periferia e trabalhando no centro da cidade, dona Madalena viveu, sentiu e percebeu o crescimento da cidade e o desenvolvimento do turismo, na década de 1980. Desta experiência, ela expôs, principalmente, sua leitura sobre as condições de trabalho que eram enfrentadas por aqueles que trabalhavam na rede hoteleira da cidade.

[...] eu só vi o quê? Nós, que trabalhava na loja, ganhava mais que quem trabalhava em hotel; nós não trabalhava, no domingo: era fechado. E, nos hotel, trabalhava, no domingo, feriado e tudo. Pra quê? [...] Quem trabalha no hotel, aí, vem embora de ônibus imprestável, que nossos ônibus, aqui, não presta; fala a verdade, toda a lotação nossa, aqui, não vale nada; a lotação nossa, aqui, é assim, um banquinho desse tamaninho de um lado, dois banco aqui e o corredor, em pé, pra andar igual um bando de boi.

Assim, o que permanece vivo, em sua lembrança, é a rotina cansativa do trabalho nos hotéis, que não se convertia em melhores condições de vida para os trabalhadores do setor. Sem tempo para descansar, aqueles que trabalham para garantir o lazer e o ócio dos outros tinham sua jornada estendida, em função das precárias condições de transporte público, que não permitia a eles qualquer conforto, durante o percurso de ida e volta do trabalho, tal como observou dona Madalena: “Tudo de pé... aí, você vai, chega no hotel cansada, trabalha a vida inteira de pé, correndo pra lá e pra cá. Na hora de ir embora, você tem que vim de ônibus.”

Essa situação era ainda pior para outros trabalhadores. Este era o caso da senhora Mirna, que caminhava cerca de três quilômetros, até o ponto de ônibus, para ir trabalhar, no Hotel San Martin, como auxiliar de serviços gerais. À jornada de oito horas de trabalho, no Hotel, ela somava seis quilômetros de caminhada e uma longa lista de tarefas domésticas:

[...] saía daqui madrugada, pa ir i podê pegá o ônibus, lá no Boicy, como disse pa você, e depoi, só vinha só de noite em casa. Tinha que tirá água do poço, chegá aqui, tirá água do poço, lavá as roupa das criança, deixá pronto, fazê janta; depoi, ia lavá roupa, de noite, depoi, pra mim me deitá.

Na memória da senhora Mirna, foi a lembrança da dura rotina de trabalho e das dificuldades, enfrentadas durante o período em que trabalhou em hotéis, que ganhou destaque, em sua narrativa. Ela conta que, depois de trabalhar 12 anos, “*sempre na lavanderia, serviço geral*”, desenvolveu uma séria alergia. Enquanto ela relatava o drama vivido, mostrava as cicatrizes, em seus braços, provocadas pela reação aos produtos químicos com os quais lidava, em seu trabalho:

Eu vim ficá doente; aqui, apodreceu tudo o braço assim, ó. Assim... é química. Apodreceu tudo a pele, tudo, tudo, assim. Era negócio de produto forte, e tinha proteção pa gente usá, e foi e... Não pa todos que acontece isso na pele, né? Que acontece isso na pele, né? Eu acho que minha pele é muito... é sensíve e foi... apodreceu tudo. Num podia trabalhá mais [...] num podia mais trabalhá, porque tinha que amarrar, assim, o braço tudo, pa mim podê trabalhá. Aí, eu pedi minha conta.

A perícia médica não considerou o caso da senhora Mirna como uma enfermidade causada pelo trabalho. Sem condições de continuar trabalhando, ela acabou fazendo um acordo com o hotel e saiu do emprego.

[...] pedi pro gerente, seu Mauro? Eu num agüento mai trabalhá, por causa do mo braço; e outro, meu marido também tá duente, e tenho cinco criança e já tô tirando ela fora da escola, por causa disso[...]. Ih, muita tragédia, menina.

Essa situação, vivida pela senhora Mirna, parece não ser um caso isolado, quando se considera a observação feita por dona Elba²⁷, 60 anos, guia de turismo em Foz do Iguaçu, desde 1976. Em sua avaliação sobre as condições de trabalho, no setor, ela reclamou do descompromisso dos donos de hotéis com seus funcionários:

[...] a grande maioria dos hoteleiros, aqui, eles não querem saber se o funcionário está bem, se ele está com algum problema. São poucos os empresários que pensam em fazer um bom seguro coletivo de saúde [...] inclusive, tem muita gente que está trabalhando num hotel, gostaria de fazer uma faculdade de hotelaria e não tem condições, porque o salário é tão parco, e, principalmente, te digo, quem trabalha em reserva de hotel, quem trabalha em recepção de hotel, é terrível [...] A lei não diz que, quando você tem não sei quantos funcionários, você é obrigado a ter um refeitório decente, você é obrigado a ter uma creche. Faz um levantamento nos hotéis, aí. Quantos hotéis têm creche pra que as camareiras, garçonetes, ou seja o que for, possam deixar seus filhos nas creches? Não tem, não é revertido [...]

O funcionamento da rede hoteleira, como descrito por dona Elba, está fundado numa tradição de baixos salários, nenhum investimento em formação e qualificação de seu pessoal, e pelo desrespeito aos direitos trabalhistas. Sob esta perspectiva, a história do desenvolvimento do turismo, em Foz do Iguaçu, adquiriu outros contornos. A capacidade empreendedora dos empresários locais é traduzida em vocação para exploração da força de trabalho local.

A chamada indústria do turismo depende de um grande contingente da força de trabalho, para garantir ao turista a sensação definitiva de que está em férias. Para garantir que ele – o turista – não tenha qualquer trabalho, um exército de trabalhadores é colocado à sua disposição: camareiras, cozinheiros, lavadeiras, passadeiras, garçons, porteiros, motoristas, recepcionistas, faxineiros, jardineiros, telefonistas, guias, instrutores. As condições de trabalho destes trabalhadores não aparecem nas fotos de divulgação do turismo, nem nas propagandas oficiais que o apontam como estratégia econômica local de geração de empregos – diretos e indiretos.

Para dona Elba, o turismo, enquanto atividade econômica, é um importante gerador de empregos para a cidade. Afinal, desde que a esta chegou, em 1976, vindo de *Assunción* (PY), ela trabalha no setor, principalmente como guia de turismo. No entanto, ela pondera, criticamente, que o desenvolvimento do turismo não reverteu em boas condições de vida para os trabalhadores do setor. Os lucros por este alcançados aparecem, em sua avaliação, como resultado da capacidade de super-exploração do trabalho: “[...] em geral, restaurantes, hotéis,

²⁷ Entrevista com a senhora Elba, em 22 de março de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu.

tudo que tem relação com o turismo ainda estão com a mentalidade de negreiros: exploram. Eles querem ganhar mas não querem pagar.”

As narrativas de vida destes trabalhadores são testemunhos importantes do processo histórico de transformação que Foz do Iguaçu viveu, a partir da década de 1970. Estes relatos explicitaram os sentidos contraditórios do crescimento urbano, impulsionado pela construção da usina e pela ampliação da atividade turística, na cidade, do ponto de vista dos trabalhadores.

Na compreensão dos trabalhadores, o crescimento e a diversificação do comércio, o número crescente de prédios, a pavimentação, a ampliação do espaço urbano não eram problema. De um modo ou de outro, eles guardavam esta expectativa de crescer junto com a cidade. No entanto, quando narram o caminho percorrido, os trabalhadores não deixaram de observar o custo social e humano que esse crescimento impôs. É neste sentido que suas memórias sobre o viver na cidade são importantes, porque expõem as contradições de um processo que está longe de ser harmonioso.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru (SP): EDUSC, 2003. 170p.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, Marieta de M.; FIGUEIREDO, Janaína P. Amado B. de. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FOZ DO IGUAÇU (Prefeitura Municipal de) **Foz do Iguaçu**: Retratos. Foz do Iguaçu: Campana & Alencar, 1997.
- _____. **Foz 80 Anos**. Memória [1914-1994 – Foz do Iguaçu: Terra das Cataratas]. Foz do Iguaçu: Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, 1994. (Projeto Memória. V.1).
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.
- WEBBER, Darcilo. **Foz em números**. O mais completo banco de dados estatísticos sobre o município de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu (PR): Camaleão, 2003, 126p.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 439p.

Artigo recebido em 30/06/2010

Artigo aceito em 31/10/2010